

PINÓQUIO DO NOVO SÉCULO: A SOCIALIZAÇÃO PROFISSIONAL NECESSÁRIA À TRANSFORMAÇÃO DA “MARIONETE” EM “MENINO DE VERDADE”

Daniel Machado da Conceição¹

Resumo:

A sociedade industrial utilizou inúmeros dispositivos para criar um mundo novo. Um dos instrumentos utilizado como veículo para propagar a nova ideologia foram as histórias e contos infantis. Ao refletir sobre sua importância na formação de um imaginário que professa a idealização de um caráter formador de ações e atitudes. A proposta do ensaio procura articular reflexões da Sociologia do Trabalho e da Sociologia das Profissões, elaborando uma analogia com o livro “As aventuras de Pinóquio” do autor Carlo Collodi (2014). A pergunta que norteia o ensaio propõe discutir: o que é necessário para que o jovem deixe de ser reconhecido como “marionete” e seja aceito como “menino de verdade”? No processo de socialização profissional, o jovem aprendiz deve incorporar os valores aceitos pelo mercado de trabalho. Valores estes que passam por uma ética pelo trabalho e recebem destaque como características potenciais de sua empregabilidade. As aventuras do boneco de madeira e a relação com vários personagens permite identificar ações formativas que são valorizadas e devem ser externalizadas durante o itinerário formativo na aprendizagem.

Palavra-chave: Ética do Trabalho; Jovem Aprendiz; Mercado de Trabalho; Processo Civilizador; Socialização Profissional;

Pinocchio of the new century: the professional socialization necessary to transform the “puppet” into a “real boy”

Abstract:

Industrial society has used countless devices to create a new world. One of the instruments used as a vehicle to propagate the new ideology were children’s stories and tales. When reflecting on its importance in the formation of an imaginary that professes the idealization of a character that forms actions and attitudes. The purpose of the essay seeks to articulate reflections from the Sociology of Work and the Sociology of Professions, drawing an analogy with the book “The adventures of Pinocchio” by the author Carlo Collodi (2014). The question that guides the essay proposes to discuss: what is necessary for the young person to stop being recognized as a “puppet” and be accepted as a “real boy”? In the process of professional socialization, the young apprentice must incorporate the values accepted by the labor market. These values pass through a work ethic and are highlighted as potential characteristics of their employability. The adventures of the wooden puppet and the relationship with several characters allow

¹ Doutor em Educação, Mestre em Educação e Cientista Social. Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisa Educação e Sociedade Contemporânea (NEPESC/UFSC).

Pinóquio do novo século

identifying training actions that are valued and should be externalized during the training itinerary in learning.

Keywords: Work Ethics; Young apprentice; Job market; Civilizing Process; Professional Socialization;

Pinocho del nuevo siglo: la socialización profesional necesaria para transformar el “títere” en un “niño de verdad”

Resumen: La sociedad industrial utilizó innumerables dispositivos para crear un mundo nuevo. Uno de los instrumentos utilizados como vehículo para propagar la nueva ideología fueron los cuentos y cuentos infantiles. Al reflexionar sobre su importancia en la formación de un imaginario que profesa la idealización de un personaje que forma acciones y actitudes. El propósito del ensayo busca articular reflexiones desde la Sociología del Trabajo y la Sociología de las Profesiones, trazando una analogía con el libro “Las aventuras de Pinocho” del autor Carlo Collodi (2014). La pregunta que guía el ensayo propone discutir: ¿qué es necesario para que el joven deje de ser reconocido como un “títere” y sea aceptado como un “niño de verdad”? En el proceso de socialización profesional, el joven aprendiz debe incorporar los valores aceptados por el mercado laboral. Estos valores pasan por una ética de trabajo y se destacan como características potenciales de su empleabilidad. Las aventuras del títere de madera y la relación con varios personajes permiten identificar acciones formativas que se valoran y deben exteriorizarse durante el itinerario formativo en el aprendizaje.

Palabras-clave: Ética laboral; Joven aprendiz; Mercado de trabajo; Proceso Civilizador; Socialización Profesional;

UMA HISTÓRIA INFANTIL

A sociedade industrial utilizou inúmeros dispositivos para criar um mundo novo. As transformações que ocorreram afetaram a vida econômica, social e política de uma época e continuam a ecoar no contemporâneo. Um dos instrumentos utilizados como veículo para propagar essa ideologia foram as histórias e contos infantis. Elias (1994) em sua análise dos manuais de conduta como norteadores de novos costumes, percebe que eles foram produzidos com objetivo de atingir o público adulto. Semelhantemente, Benjamin (1987) destaca o papel preponderante das histórias infantis na vida das crianças como um projeto pedagógico nascido no iluminismo que colocou em ação um grande programa de remodelação da humanidade. As crianças eram ensinadas na escola e depois retornavam para casa, difundiam as histórias e a mensagem moral que envolvia cada uma delas. Leão (2007) faz a ressalva que embora as histórias infantis não se apresentassem como manuais de conduta propriamente ditos, ainda assim difundiam modelos de civilidade. Histórias que destacavam o valor do trabalho, honestidade, responsabilidade, compromisso, viver previdente etc.

As histórias infantis por sua vez, transmitem valores que serviram para socializar crianças que frequentavam os espaços escolares e que, posteriormente, disseminavam enquanto contavam a seus pais as aventuras, sua moral e ética. Dessa maneira, os valores para vida em uma sociedade republicana e com uma nova ética do trabalho foram propagados. Essa ética do trabalho, segundo Sennett (2012), é entendida como o uso autodisciplinado do nosso tempo e o adiamento do valor de satisfação. Estes dois pontos caracterizam uma grande mudança, pois no mundo racionalizado os ciclos não possuem a mesma eficiência quando comparados ao acelerado tempo quantificado nos relógios. A satisfação imediata precisa ser recalçada por um momento para que o mérito indique um novo processo de esforço e dedicação para o posterior reconhecimento.

Ao refletirmos sobre a importância das histórias e contos infantis na formação de um imaginário que professa uma idealização com caráter formador de ações e atitudes. A proposta do ensaio procura articular reflexões da Sociologia do Trabalho e da Sociologia das Profissões, elaborando uma analogia com o livro "As aventuras de Pinóquio" do autor Carlo Collodi (2014).

Pinóquio do novo século

O boneco Pinóquio surge na Itália em 1881, durante um momento efervescente em que o discurso de uma nação italiana unificada era exaltado. O que para Collodi (1826–1890) representava uma preocupação, pois percebia um ataque contra a individualidade e a liberdade. O boneco Pinóquio passa por aventuras com objetivo de conquistar sua autonomia, isto é, transformar-se em “menino de verdade”, deixando de ser uma marionete dependente de alguém, pois, está preso aos fios que direcionam seu comportamento.

A intenção do texto é comparar as aventuras do boneco de madeira com o itinerário formativo do jovem aprendiz, jovens assalariados contratados por meio da Lei 10.097/2000², que ficou conhecida como a Lei da Aprendizagem ou a Lei do Jovem Aprendiz. Portanto, a comparação propicia apresentar parte dos elementos presentes no processo socialização profissional (BERGER; LUCKMANN, 2003; DUBAR, 2005) pelo qual a marionete no conto infantil e o aprendiz, o Pinóquio do novo século, enfrenta na transição para vida e mundo adulto. Os dados fazem parte da tese³ de doutorado apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em 2021, e que reuniu respostas de 669 jovens aprendizes na região da Grande Florianópolis, Santa Catarina.

O boneco Pinóquio, uma “marionete” que deseja se tornar um “menino de verdade”, parece viabilizar uma representação da inserção do jovem aprendiz no ambiente laboral. Os desafios descritos na história dão destaque à importância do comportamento moral, ético, de uma relação objetiva com a escola, a necessidade de evitar a delinquência e suas consequências, além de apontar os interesses juvenis e sua ingenuidade. Os mesmos elementos podem ser observados no jovem aprendiz ao iniciar seu percurso profissional ou acabam por ser usados como justificativa para promover sua inserção, pois, utilizam o trabalho como valor pedagógico, uma suposta capacidade de evitar o ócio que levariam a situações de

2 A Lei da Aprendizagem institui a obrigatoriedade de empresa de médio e grande porte contratarem entre 05 e 15% do seu quadro profissional de jovens entre 14 e 24 anos. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/10097.htm. Acesso em: 03 de Jun. 2021.

³ Título: Estudante-trabalhador e a socialização profissional: contradições da Lei do Jovem Aprendiz na região da Grande Florianópolis/SC. A tese foi desenvolvida na linha de pesquisa Sociologia e História da Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. A pesquisa foi autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH/UFSC) com Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) nº 01150818.7.0000. 0121.

vulnerabilidade e marginalidade. Como descrito no diálogo entre o boneco e o Grilo Falante, Pinóquio afirma que “a profissão que mais lhe agrada é a de comer, beber, dormir, divertir e levar o dia inteiro na vagabundagem”. O Grilo por sua vez, faz o alerta de que “todos os que abraçam esse ofício acabam sempre no hospital ou na prisão” (COLLODI, 2014).

A ética do trabalho se relaciona com a negação do ócio e pode ser observada nesse breve diálogo. Pinóquio como boneco de madeira precisa deixar seus interesses pessoais e aprender responsabilidades para ser reconhecido como “menino de verdade”. Sendo imprescindível adiar os desejos de satisfação e realização pessoal com o objetivo de moldar sua história de vida para no fim conseguir algo (SENNETT, 2012). Este processo representado em uma história cheia de aventuras parece apresentar elementos semelhantes a inserção do jovem aprendiz no mercado de trabalho formal.

As aventuras do boneco de madeira e a relação com vários personagens permite identificar características formativas que são valorizadas e que devem ser externalizadas. A pergunta que norteia o texto propõe discutir: o que é necessário para que o jovem deixe de ser reconhecido como “marionete” e seja então aceito como “menino de verdade”? Entende-se a expressão “menino de verdade” como central para descrever um conjunto de características e competências as quais estão associadas a vida adulta e a suposta conquista da autonomia, entre elas: responsabilidade, agilidade, honestidade, dedicação, compromisso, flexibilidade, eficiência etc. Uma ética que para o jovem aprendiz é aprendida pelo trabalho e após sua internalização possibilita a continuidade e/ou aceitação no desempenho de um dado ofício.

No processo de socialização profissional, o jovem aprendiz deve incorporar os valores aceitos pelo mercado de trabalho, pois, “a socialização secundária é a interiorização de ‘submundos’ institucionais ou baseados em instituições” (BERGER; LUCKMANN, 2003, p. 184). Ao aprender os valores institucionais o jovem aprendiz passa a receber destaque, com o reconhecimento de características que possam garantir sua permanência durante o contrato e que potencializa sua empregabilidade. A Lei da Aprendizagem aparece como dispositivo de inserção dos jovens no mercado de trabalho formal e opera na lógica da seleção dos mais adaptados. Durante todo o processo de socialização profissional o mérito pessoal é exaltado, isto é, aquele que aprende ou demonstra

os comportamentos esperados recebe destaque sendo reconhecido como 'bom garoto' ou 'bom menino'.

Na ambiguidade do processo de socialização profissional, muitas vezes esquecemos daqueles que não realizam a transformação pessoal e permanecem como "marionetes". Estes passam a internalizar o fracasso como uma condição individual expressa por meio da frustração e da exclusão. Assim, embora muitos consigam se tornar "meninos de verdade", outros seguem na condição de "marionetes" fadados a atividades precárias e subalterna. Dubar (2009) dá destaque a uma "lógica de competência", na qual o trabalhador passa a ser responsável por seus resultados. Este um processo individual, pois, não são mais a escola e nem a empresa responsáveis por produzir competências no trabalhador para que tenha acesso ao mercado. Cabe ao próprio trabalhador adquirir as competências ou estará destinado a sofrer com suas supostas limitações. "A incorporação dessa narrativa conduz os indivíduos à crença de que a transformação de sua condição de vida é uma tarefa que compete exclusivamente a si mesmo" (BARBOSA, 2011, p. 136).

A proposta elaborada neste ensaio descreve um tipo ideal, elencando alguns dos desafios que são compartilhados pelo jovem aprendiz e que se assemelham com as aventuras descritas na história infantil. O estudo sobre o jovem aprendiz é objeto de pesquisa de tese que procurou identificar as contradições da Lei 10.097/2000 durante o processo de socialização profissional na região da Grande Florianópolis/SC. Nesse ensaio limitações podem existir, pois, é um exercício decorrentes das interpretações do autor ao tentar associar o conto infantil com a entrada do jovem aprendiz no mercado de trabalho. O desafio da empreitada é um estímulo para resgatar a importância das histórias infantis como possibilidade para descrever a realidade.

O JOVEM APRENDIZ

A Lei da Aprendizagem (Lei 10.097/2000) uma política pública voltada para juventude, foi criada no ano 2000, com o objetivo de impulsionar a inserção de jovens no mercado de trabalho formal. Estipula que empresas de médio e grande porte são

obrigadas a contratar jovens entre 14 e 24 anos no percentual de 5 e 15% do total do quadro de colaboradores.

O objetivo é permitir a entrada no mercado de trabalho formal, superando a barreira da falta de experiência. As garantias trabalhistas também são oferecidas aos jovens aprendizes e estão pautadas na Consolidação das Leis trabalhistas (CLT) e no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Jovens entre 14 e 17 possuem restrições quanto atividades insalubres e perigosas, resguardando seu desenvolvimento físico, psicológico e emocional. Os maiores de idade, entre 18 e 24 anos, estão autorizados a desempenhar todas as atividades perigosas ou insalubres, desde que respeitado os procedimentos de segurança, inclusive, em horário noturno ou externo a empresa.

O jovem por meio da Lei que ficou conhecida como Lei do Jovem Aprendiz, está obrigado a continuar sua escolarização até a conclusão do Ensino Médio. Os contratos de trabalho são especiais com o tempo máximo de 24 meses e exigem o desenvolvimento de atividades práticas na empresa e atividades teóricas realizadas em entidade qualificadora⁴ que capacita o jovem como parte de sua jornada laboral.

A formação do aprendiz merece atenção, pois, o jovem se encontra em um período de transição, deixando a infância e em preparação para vida adulta. Por essa razão, compreender os percalços e meandros dessa formação parece contribuir para um melhor entendimento sobre as relações que os jovens devem desenvolver para atingir o objetivo esperado de uma maior autonomia. A condição de tornar-se “menino de verdade”, além de parecer um desejo dos jovens, o que envolve adquirir independência, conquistas, conhecimentos, responsabilidades, auxílio a familiares, experiência, crescimento profissional e liberdade. Apresenta-se como um processo que garante, supostamente, uma maior empregabilidade. No entanto, não podemos esquecer que os valores e a ética exigidas pelo mercado de trabalho formal fazem parte desse ideário que identifica e conforma competências, habilidades e comportamentos adequados

⁴ As entidades qualificadoras realizam a capacitação profissional teórica do jovem. Inicialmente, a capacitação estava orientada para realização no Sistema S (SENAI, SENAT, SENAR, SENAC e SESCOOB). No ano de 2005, foi regulamentado que instituições como Escolas Técnicas profissionalizantes e Entidades Sem Fins Lucrativos (ESFL) possam realizar a capacitação, mediante, grande demanda e a baixa oferta ou capilaridade do Sistema “S” a nível nacional.

para reprodução do capital e o aumento da produtividade (DA CONCEIÇÃO, 2020).

OS PERSONAGENS

Nesse exercício comparativo entre as aventuras do Pinóquio e as aventuras do jovem aprendiz no mercado de trabalho formal. Se faz necessário destacar alguns personagens. Geppetto, representa o grupo familiar, a Fada, podemos identificar como a Lei da Aprendizagem (Lei 10.097/2000) que permite a entrada no ambiente laboral, garantindo os direitos trabalhistas ao estipular seus deveres como jovem trabalhador. Portanto, a Fada representa o papel do Estado, a figura institucional do Ministério do Trabalho e Previdência Social, que desempenha a mediação da inserção profissional do jovem articulando ações com as empresas e outros agentes (FRANZOI, 2006). No final do contrato de trabalho por tempo determinado, a Fada promete que o boneco se transformará em “menino de verdade”. Nosso jovem aprendiz tem a promessa de se transformar um profissional, esperando ser contratado por tempo indeterminado pela empresa. O Grilo Falante, que durante toda história possui o papel de conselheiro e orientador, está relacionado a entidade qualificadora que tem a atribuição de capacitar teoricamente o jovem para o ambiente laboral. Outros personagens presentes na história podemos relacionar com amigos, colegas de trabalho e chefias.

Na sequência do texto algumas das situações enfrentadas pela marionete durante suas aventuras passam a receber destaque e são apontados paralelos com o itinerário formativo do jovem aprendiz no ambiente de trabalho. A transformação da marionete em “menino de verdade” está diretamente relacionada a ética profissional e a uma lógica de competência, que deve ser conquistada durante o aprendizado pelo trabalho.

A MADEIRA

Ao propor escrever sobre o boneco de madeira que procura tornar-se “menino de verdade”, primeiramente, é necessário analisarmos o material utilizado para sua construção, um pedaço de pau, um elemento que significa a natureza

primeira. Algo bruto que pode ser moldado, mas também descartado com enorme facilidade. Na mão de um bom marceneiro pode ganhar forma e seu vínculo com a natureza, nos lembra que o jovem, igual ao boneco, se encontra em uma fase posterior a vida infantil e anterior a vida adulta. Sendo necessário uma transformação de um estado de natureza para um estado de humanidade ou civilização. Interessante notar que o Pinóquio surge na história em meio ao mundo social de transição para adolescência, assim localizamos inserido no processo de socialização secundária que envolve uma relação com a escola e o mundo do trabalho.

O boneco ao ser construído em madeira, um material que representa um vínculo com a natureza, deve sofrer uma transformação moral e ética para sua adequação social, isto é, para se tornar “menino de verdade” precisa desenvolver a autonomia para se tornar civilizado. Essa observação demonstra ser relevante, pois, a madeira simboliza a natureza um estado anterior ao de civilização que o “menino de verdade” deve adquirir. Descrevemos assim reduzidamente o processo civilizador (ELIAS, 1994) que exige o controle das ações, comportamentos e a aquisição de valores morais ou de uma sensibilidade reconhecida como primordial para o convívio coletivo e que aponta para uma forma correta na obtenção de êxito na vida moderna. Uma vida pautada na produtividade, disciplinamento e inovação constante. Sendo, portanto, necessário destacar o processo de socialização que envolve três momentos, exteriorização, objetivação e interiorização (BERGER e LUCKMANN, 2003).

A socialização profissional, de acordo com o argumento presente nesse ensaio, passa a ganhar força de um processo civilizador, que também é profissional. O jovem identificado como matéria-prima, possuidor de grande potencial é admitido no espaço laboral. Suas aventuras no ambiente de trabalho tendem a testar sua capacidade de corresponder às exigências do mundo adulto. Ao superar este teste terá conquistado o reconhecimento e atingido um patamar profissional adequado para o mercado, adquirido uma empregabilidade que supostamente pode garantir sua permanência. Dessa maneira, a ideia de ser um empreendedor de si mesmo ganha sua personificação (BARBOSA, 2011). A gestão de si mesmo, acionada pelo mérito

pessoal transformada em competência empreendedora orienta e conduz para uma acelerada autoexploração.

A MARIONETE E ALGUMAS AVENTURAS

O boneco quando ganha forma e vida, logo após Geppetto concluir sua criação, faz peraltices e demonstra uma grande ansiedade em conhecer o mundo. Após ser terminado se joga pela porta e sai rua a fora cambaleando atrás de emoções com vontade de conhecer o novo. Esse conhecer remete ao ímpeto curioso e muito característico da juventude. O jovem aprendiz admitido em uma empresa começa seu trabalho com um sentido de descontração, em muitos casos ainda associa sua nova atividade profissional com diversão. A despreocupação do jovem demonstra uma característica associada a falta de seriedade e compromisso, ou ainda a uma condição de inocência.

O ímpeto de correr riscos, desafiar os limites e de ser curioso, apresenta algumas vezes um comportamento de afronta ou inadaptação. Por outro lado, essa postura também pode ser exaltada no ambiente de trabalho, pois, favorece a criatividade, flexibilidade e empreendedorismo, características que os profissionais do século XXI devem desenvolver mediante a precarização e as frágeis relações trabalhistas. O jovem se encontra em uma fase da vida que constitui uma "idade plástica", na qual o indivíduo pode se transformar e se reformar (MORIN, 2013). O caráter socializador do trabalho carrega em seu discurso a possibilidade de formar jovens trabalhadores conforme a cultura empresarial, algo vantajoso à empresa que reduz o tempo e recursos em treinamentos, pois, irá selecionar os mais adaptados e envolvidos com o seu propósito. Aprender os limites. é o primeiro grande desafio do boneco de madeira e do jovem aprendiz em seu itinerário formativo, uma condição que demonstra amadurecimento.

A construção da marionete, Pinóquio, está ligada a expressão de amor de um pai que deseja companhia para dividir a solidão da casa e das lutas. Lembremos que Geppetto, pai e criador do boneco embora reconhecido pelo seu ofício de marceneiro, vive em precárias condições. Pinóquio pode ser identificado como pertencente a um estrato social que precisa vender sua força de trabalho para prover seu sustento. De maneira semelhante, o jovem aprendiz pode ser

identificado como “classe-que-vive-do-trabalho”. “Vivem da venda da sua força de trabalho e são despossuídos dos meios de produção. Não tendo outra alternativa senão a de vender sua força de trabalho sob a forma do assalariamento” (ANTUNES, 2005, 48).

A solidão familiar indicada por Geppetto, de maneira semelhante na família do jovem aprendiz podemos entender como uma necessidade de divisão de tarefas e da renda familiar. Os familiares ou responsáveis sentem-se sozinhos para manter a família financeiramente. Assim, muitos jovens acessam o mercado de trabalho procurando contribuir na renda familiar, participando da divisão das despesas. Mesmo quando o jovem trabalha, e a família permite que fique com o salário, significa que os responsáveis não terão mais que prover os bens de interesse dele.

A pesquisa de doutorado “procurou compreender o processo de socialização profissional e contou com a participação de 669 jovens aprendizes que responderam um questionário no ano de 2019. Uma das perguntas buscou identificar, qual a finalidade do salário do jovem? As respostas apontam que 44,4% dos aprendizes respondentes ficam com todo valor do salário, 42% ficam com a maior parte do valor e ajudam em pequenas compras ou pagam dívidas dos responsáveis, 11,7% entregam metade do salário para os responsáveis e 1,9% entregam todo valor para os familiares. Quando perguntados sobre os três principais gastos, como utilizam seu salário, 78,2% responderam com alimentação; 75,4% com roupas e acessórios; 41,4% com calçados; e, 36,6% com festas e eventos (balada, cinema, teatro e eventos esportivos).

Devemos destacar que na atualidade não só a questão financeira pode explicar o desejo de inserção no mercado de trabalho. Ser reconhecido como trabalhador envolve adquirir um status social que significa uma vida produtiva. A internalização dos valores subjetivos do trabalho expresso no desejo de acessar esse mundo sem a interferência direta dos pais ou responsáveis. Muitos jovens se inserem no mundo do trabalho procurando esse reconhecimento e objetivam uma maior autonomia garantida por meio do dinheiro. Conforme destacado, “o dinheiro confere, por um lado, um caráter impessoal, anteriormente desconhecido, a toda atividade econômica, por outro lado, aumenta, proporcionalmente, a autonomia e a independência da pessoa” (SIMMEL, 2014, p.

24). Os jovens aprendizes procuram essa autonomia financeira, pois, permite a aquisição de bens e serviços.

Portanto, os jovens possuem o desejo de trabalhar, mesmo quando as condições da família garantam um prolongamento da escolarização sem maiores impactos em questões econômicas. As pesquisas mostram essa mudança no perfil dos jovens que apontam ser o trabalho uma oportunidade para conquistar maior responsabilidade no grupo familiar e na vida social. Independente disso, outro grupo de jovens continua a validar pesquisas do passado que apontam as questões de subsistência como primordiais para entrada antecipada no mundo do trabalho.

Não podemos esquecer que o boneco, uma marionete, deve ser conduzida pela mão que ordena e orienta seus movimentos, pois, está preso aos fios que lhe indicam os movimentos. No comparativo que realizamos, o mesmo acontece com o jovem aprendiz. O fato do discurso empresarial presente na Lei da Aprendizagem (Lei 10.097/2000) ressaltar que o jovem pode ser moldado na cultura da empresa, remete a figura de uma marionete, uma extensão da mão de seu mestre. As cordas que ligam a mão do condutor a marionete podem ser invisíveis no caso do jovem aprendiz. No entanto, sua realidade é manifestada no discurso da descoberta de novos talentos e potenciais profissionais. Podemos perceber que a "idade plástica" que constitui o período da adolescência foi revertida para o interesse de garantir uma maior produtividade no contemporâneo ao formar colaboradores adaptados ao novo cenário organizacional.

No entanto, quando a marionete não responde de maneira condizente com a condução do mestre, suas ações acabam por recair no seu grupo familiar. Geppetto expressa a internalização da responsabilidade familiar na frase: "— Filho miserável! E pensar que me esforcei tanto para fazer dele um bonequinho correto! Mas a culpa é minha; devia ter pensado nisso antes!" (COLLODI, 2014). A família é geralmente responsabilizada pela inadequação do jovem devido a uma falha em sua educação, socialização primária. Apenas no segundo momento, a responsabilidade recai sobre o jovem que recebe o selo de inapto em razão de sua atitude imprópria, o posterior distrato, desligamento ou demissão, exemplificam a objetivação dessa inadaptação ou desempenho insuficiente. O processo de seleção cumpre seu

papel caracterizado como uma segunda exclusão. A primeira ligada ao fracasso escolar, em ambas o jovem internaliza a culpa do insucesso, atribuindo total responsabilidade a sua própria incapacidade que impede de ter êxito nas várias esferas da vida social.

A história do boneco Pinóquio conta um dilema pela busca de transformação através da gestão de si. As escolhas que o boneco precisa fazer, constantemente, acabam por promover aventuras e aprendizado. Sua atitude inicial de sempre procurar diversão, ser avesso a responsabilidade, desejar aproveitar a vida e ter lucro fácil são exploradas para mostrar uma lógica social não condizente com a nova sociedade que nega o ócio. Em sua trajetória as situações tendem a se complicar, pois, ao descumprir uma orientação ou uma promessa pessoal, consequências desagradáveis acabam acontecendo. As experiências que o boneco vivência têm relação com a fome, o frio, o cansaço, o medo, a ausência da família e mesmo o risco de perder a vida. O jovem aprendiz ao iniciar sua aventura, seu itinerário formativo no mercado de trabalho enfrenta desafios e dilemas semelhantes.

A dupla jornada entre escola e trabalho, e tripla no caso do gênero feminino, faz com que o tempo reduzido afete diretamente a maneira de alimentar-se. Muitas vezes a distância entre a casa, o estabelecimento escolar e o trabalho, não necessariamente nessa ordem, podem fazer com que seja suprimida uma refeição impondo longos períodos com uma alimentação restrita e pouco nutritiva. Não descartamos as dificuldades alimentares que as famílias vivenciam, apenas elucidamos que o controle exercido pelo tempo social afeta diretamente os hábitos dos sujeitos. O jovem aprendiz começa a confrontar-se com a questão da alimentação sem compreender a grande importância que o tema tem na fase de desenvolvimento corporal em que se encontra. Pinóquio durante seu aprendizado exclama em duas ocasiões uma angústia por sentir fome: “Oh! Que doença terrível é a fome!”. A mesma expressão pode ser proferida pelo jovem ao não receber o benefício do auxílio-alimentação e/ou não ter tempo adequado para alimentar-se entre as atividades do dia. Não podemos esquecer que esse é um problema que se iniciou e persiste com o processo de industrialização em que crianças e jovens trabalhavam em condições precárias com esforço físico excessivo e pouquíssima alimentação (OLIVEIRA, 2009).

Pinóquio do novo século

Ao efetivar uma primeira fuga de casa e posteriormente ao retornar, o boneco Pinóquio afirma que pretende cuidar do pai e faz uma promessa de ser o consolo e amparo de sua velhice. Este é um dos dilemas do jovem adolescente, assumir a responsabilidade em cuidar e contribuir com sua família. Em outra medida, a responsabilidade pode orientar o jovem a entrar precocemente no mercado informal de trabalho para de maneira imediata, sem garantias trabalhistas e em condições precárias cumprir com sua responsabilidade de contribuir com a manutenção economia da família. Os jovens direcionam suas vidas através de “buscas autônomas”, isto é, de trajetórias que nem sempre estão encaixadas em políticas que prescrevem padrões standardizados para realizar a transição entre juventude e vida adulta (PAIS, 2016). Desta maneira, a entrada no mercado de trabalho informal pode ser uma das alternativas para o jovem que precisa ajudar no sustento familiar ou deseja sua autonomia financeira.

O mercado formal possui como via de acesso à Lei 10.097/2000, a qual facilita sua inserção como assalariado respaldado pela legislação trabalhista. Um problema enfrentado pelo jovem, diz respeito a baixa remuneração que um trabalho de meio período possibilita, essa situação pode ser identificada em alguns casos como mão de obra barata, a qual se faz muito presente no cenário da aprendizagem. Em 2019, 79,2% dos jovens participantes da pesquisa de tese, recebiam salários entre R\$ 451,00 e R\$ 700,00.

Na história do Pinóquio temos a figura paterna como foco das ações futuras. Quando pensamos no jovem aprendiz, em sua maioria, a relação de gratidão e de desejo em proporcionar uma vida melhor, um contra dom, está orientada para uma figura familiar, o mais comum é direcionar atenção a mãe. A mãe é adjetivada de “guerreira” e “batalhadora”, o principal motivo para realizar o esforço de aprender e permanecer no trabalho. As relações de gênero, machismo e patriarcado, presente na sociedade brasileira ensejam uma motivação para retribuir a figura materna que sacrificou os interesses pessoais, pensando em proporcionar melhores condições aos filhos e filhas.

Quando Pinóquio passa a vivenciar as aventuras fora do espaço de sua casa, um dos primeiros resultados foi conhecer a fome. Outra situação marcante foi enfrentar o frio, e ao procurar se aquecer perto do fogo, um acidente acontece por descuido, teve seus pés queimados. Essa experiência

proporcionou alguma reflexão ao boneco, capaz de reavivar as promessas feitas pai. O jovem aprendiz, como metáfora, também queima seus pés ao se jogar em caminhos e escolhas não muito acertadas. E, assim como Geppetto acabou reconstruindo os pés da marionete, o jovem também refaz seus pés ao escolher caminhos que o impeçam de continuar a sofrer as mesmas consequências como em um círculo vicioso. Essa reflexão em determinado momento do contrato de aprendizagem é importante, pois ao insistir nas mesmas escolhas, as consequências tendem a ser concretizadas na demissão, desligamento da empresa. O jovem pode ter os pés queimados quando se envolve com colegas de trabalho e não consegue distinguir brincadeiras e/ou liberdades dentro e fora da empresa. Quando não segue as regras de comportamento, vestimenta, ao demonstrar desatenção, desleixo com materiais e equipamentos, bem como, baixa assiduidade e falta de pontualidade.

Após uma introspecção o jovem pode reorientar suas ações para escolhas profissionais almejando dedicar atenção a determinada área profissional ou ofício. A necessidade de incorporar o perfil profissional esperado pode significar a manutenção do emprego ou sua desistência. Os conselhos que a marionete, recebe na história são sempre alertas sobre meninos que querem seguir os próprios caprichos. Ao insistirem em agir de acordo com sua escolha pessoal, mais cedo ou mais tarde sempre sofrem com as consequências.

Quantas desgraças me ocorreram!... E bem que as mereço, pois sou um boneco cabeçudo e preguiçoso!... e quero sempre fazer as coisas do meu jeito, sem dar ouvidos àqueles que me querem bem e que têm mil vezes mais juízo do que eu!... Mas de hoje em diante faço o propósito de mudar de vida e de me tornar um menino cordato e dócil. Tanto que agora estou consciente de que os meninos, por serem desobedientes, acabam sempre perdendo e não conseguem nada em seu proveito. (COLLODI, 2014)

A postura que o boneco de madeira identifica como adequada para ter sucesso tem relação direta com dar atenção aos diversos conselhos. Além disso, destaca que seu comportamento necessita ser mais cordato e dócil. Esse ponto fala sobre o “bom moço” que passa a ser representação de um tipo ideal de profissional aceito na sociedade capitalista.

Pinóquio do novo século

Não mais um colaborador cumpridor de regras, disciplinado para obedecer, mas alguém que pode controlar a si mesmo, além de se manter automotivado e em busca de formação constante.

Novamente, estamos descrevendo uma internalização do processo civilizador uma exigência para estar adaptado. O fato de não aceitar conselhos indica uma dificuldade em seguir hierarquias e ser obediente nas instruções laborais. O jovem aprendiz semelhante ao Pinóquio, no mercado de trabalho deve aceitar conselhos, regras e orientações de maneira ininterrupta. Sua condição de aprendiz o coloca em uma posição hierárquica inferior na organização empresarial, está na base do organograma. Portanto, o jovem que possuir a predisposição para aceitar orientação de profissionais veteranos, rapidamente será reconhecido e valorizado por colegas ou chefias como sendo “bom moço”, isto é, um bom profissional desde que esteja disposto a submeter-se ao aprendizado. Isso acontece quando a postura do jovem difere da expressa pelo boneco de madeira, na seguinte passagem:

Como somos desgraçados, nós, os pobres meninos! Todos nos repreendem, todos nos advertem, todos nos dão conselhos. Se os deixamos falar, todos vão achar que são nossos pais e nossos mestres: todos. Até mesmo os grilos falantes. Vejam só porque não quis dar ouvidos àquele chato do Grilo: quem sabe quantas desgraças, segundo ele, me irão acontecer! (COLLODI, 2014)

A resistência do boneco e do jovem aprendiz em receber orientações de superiores serve como termômetro de seu bom-mocismo. O comportamento na empresa é de grande importância para o desenvolvimento do jovem, outro ponto de destaque é sua relação com a escola. A possibilidade de transformação do boneco em “menino de verdade” está em parte relacionada com a frequência à escola. A instituição escolar aparece com muita força na narrativa de Collodi, o interesse do Pinóquio se choca com a obrigação de ir à escola, pois brincar e divertir-se nessa fase da vida parece mais interessante. Quando o boneco é questionado sobre a falta de desejo de frequentar o espaço da sala de aula, uma segunda opção foi apresentada, o aprendizado de um ofício. Essa segunda opção pode garantir sua vida futura, mas em condições precárias e degradantes.

Pinóquio do novo século

A escola como veículo de mobilidade social recebe reconhecimento, embora, permaneça desinteressante e de longo prazo. O mercado de trabalho oferece o quinhão da solução imediata para manutenção da subsistência do jovem e de sua família. Alguns jovens evadem o sistema escolar em razão da busca por alternativas no mercado de trabalho formal e informal. Outros trabalham e continuam a ver a escola apenas como uma obrigação para manter uma renda, no caso de jovens aprendizes há obrigatoriedade de estar matriculado em alguma modalidade de ensino, um requisito até a conclusão do Ensino Médio.

As jornadas de longa duração tendem a dificultar a concomitância com a escolarização, pois, o tempo de estudo fora da sala de aula é consumido pelo tempo de trabalho e deslocamentos. A Lei da Aprendizagem em vigência no país institui a obrigatoriedade de matrícula e frequência escolar para manutenção do contrato de jovem aprendiz. Em geral, o jovem trabalha um turno e em outro estuda. Infelizmente, a condição de uma dupla carreira continua a promover uma competição que de maneira semelhante postula a escola a alcunha de cansativa, chata, morosa e limitadora, e durante a pesquisa os respondentes confirmaram essa informação.

No entanto, não podemos esquecer que durante o processo de socialização profissional alguns jovens começam a perceber que a postura esperada na empresa se assemelha com as exigências da escola. Estes passam a correlacionar comportamentos e ações profissionais com as atividades que desenvolvem em sala de aula, sua frequência e participação sofrem transformação, a responsabilidade e compromisso com trabalho e provas aumenta. Os jovens passam a perceber que são bem quistos por professores, o que pode impactar ou não na flexibilização, isto é, aceitação de atrasos e remarcação de trabalhos ou avaliações. Nas aventuras do Pinóquio um diálogo com a Fada mostra a importância da escola e do trabalho como espaços pedagógicos para reprodução social, necessários para tornar-se menino de verdade.

— A partir de amanhã — continuou a Fada —, vai começar a ir à escola.

Pinóquio se tornou de repente um pouco menos alegre.

— Depois você vai escolher uma arte ou profissão a seu gosto.

Pinóquio do novo século

Pinóquio tornou-se sério.

— Que está aí resmungando entre dentes? — perguntou a Fada em tom de ressentimento.

— Estava achando — guinchou o boneco à meia-voz — que agora já é meio tarde para ir à escola...

— Não, senhor. Tenha em mente que nunca é tarde para uma pessoa se instruir ou aprender alguma coisa.

— Mas eu não quero aprender nem artes nem ofícios.

— Por quê?

— Porque trabalhar me parece cansativo.

— Meu menino — disse a Fada —, os que dizem isso acabam quase sempre na prisão ou no hospital. O homem, para seu conhecimento, nasça rico ou pobre, é obrigado neste mundo a fazer alguma coisa, a se ocupar, a trabalhar. Pobre de quem se entrega ao ócio! O ócio é uma doença terrível e é preciso curá-la logo desde a infância; senão, depois de crescido, já não tem cura.

Estas palavras tocaram fundo a sensibilidade de Pinóquio, que, erguendo vigorosamente a cabeça, disse à Fada: — Vou estudar, vou trabalhar, vou fazer tudo aquilo que você me disser, porque, em suma, a vida de boneco me está aborrecendo e quero tornar-me um menino a todo custo. (COLLODI, 2014)

Lembremos que a nova sociedade se constituiu contrária ao ócio professado pela nobreza. A importância de ter um negócio, isto é, negar o ócio ao dedicar-se aos estudos e mesmo ao aprendizado de um ofício, passa a indicar o caráter do sujeito. Geppetto em certa ocasião ao dar uma roupa ao boneco Pinóquio o orientou a não esquecer que não são roupas bonitas que fazem o senhor, mas antes as roupas limpas. Existe um novo olhar sobre a representação de dignidade ligada ainda a religiosidade, o estar limpo, mas agora como condição e comportamento observados no asseio e apresentação pessoal. Esta orientação permanece muito atual, pois muitas empresas exigem que seus funcionários estejam uniformizados ou no mínimo com vestes condizentes ao local de trabalho. Todos que não cumprem com essa orientação são logo estigmatizados por seus cabelos, tatuagens, *piercings*, roupas ou outros acessórios que demarcam tribos urbanas.

Pinóquio do novo século

Muitos jovens são excluídos na seleção da vaga de trabalho ou durante seu contrato de aprendizagem, pois não são as “roupas bonitas” que apontam para sua individualidade ou determinada identidade a ser destacada, mas sim as “roupas limpas” que sinalizam um conjunto de elementos comportamentais que expressam aparência profissional. Sorj (2000), indica que o próprio trabalhador é parte do produto oferecido para o cliente da empresa, por esta razão, as características dos trabalhadores como traços de aparência, idade, educação, gênero e raça, são adequadas ao potencial produtivo sendo incorporadas as características de competências individuais afetando diretamente a ampliação ou não de sua empregabilidade.

Outra situação característica da adolescência que por um lado é usada como potencial e por outro como imaturidade, é a necessidade de conquistar as coisas com rapidez. Seu imediatismo pode promover a autoexploração tão bem-aceita no mercado de trabalho que impulsiona o trabalhador a buscar aperfeiçoamento constante. No entanto, por outro lado, pode promover o ímpeto de dedicar esforço na busca por meios mais rápidos de conseguir seus objetivos ou desejos. Pinóquio em sua inocência é enganado pela Raposa Manca e o Gato Cego, os quais interessados apenas em usurpar suas moedas, lhe fazem uma proposta de enterrá-las em um local específico. Sendo exigido apenas aguardar a árvore produzir seus frutos, isto é, milhares de novas moedas. A inocência mesclada com a ânsia de arriscar-se em empreendimentos novos, andar caminhos menos árduos e mesmo não tão confiáveis leva o jovem a experimentar a frustração muito semelhante a vivenciada pelo Pinóquio, logo após perceber que foi enganado. O boneco de madeira conversa com um Papagaio que estava próximo e observava o insucesso e seu sentimento de pesar no cultivo da árvore de moedas.

— Afinal — gritou Pinóquio enraivecido —, pode-se saber, Papagaio mal-educado, de que coisa está rindo?

— Rio daqueles bobocas que acreditam em todas as tolices e se deixam ludibriar por quem é mais esperto do que eles.

— Está falando de mim?

— Estou, meu pobre Pinóquio, de você, que é tão simplório a ponto de acreditar que se possa semear e colher dinheiro nos campos, como se semeia feijão ou abóbora. Eu também já caí nessa e até hoje pago caro. Agora (tarde demais!) acabei me

Pinóquio do novo século

persuadindo de que para se juntar honestamente algum dinheiro é preciso ganhá-lo ou com o trabalho das mãos ou com o engenho da mente. (COLLODI, 2014)

Trabalho das mãos ou engenho da mente é a chave para juntar dinheiro honestamente disse o papagaio. A orientação indica uma ética do trabalho pautada no esforço e dedicação, estas contrárias ao lucro fácil. Se em determinado momento temos a negação do ócio como norteadora de um indivíduo responsável, o ganho fácil também não traz satisfação em razão de uma falta de honestidade. A honestidade não se reduz apenas a uma relação com o outro, também aponta para uma relação do próprio indivíduo com ele mesmo. O nariz do boneco que cresce quando conta mentira para outros, é a principal característica vinculada a seu caráter. Porém, é apenas um símbolo da transformação da marionete em “menino de verdade”. Os adultos supostamente são honestos em todas as circunstâncias, pois a sua orientação reflete na dedicação em negar o ócio e em trabalhar para o seu sustento. Na narrativa podemos ler que a mentira é o mais feio vício. Devemos lembrar que o oposto do vício é a virtude. Portanto, para tornar-se “menino de verdade” um caráter virtuoso é requerido de todos que desejam passar por essa transformação.

Lição que Pinóquio precisou aprender mais de uma vez. Ao dar ouvidos a um colega que não gostava da escola e que o convidou para ir em uma cidade onde as crianças não tinham professores e muito menos responsabilidades. O boneco aceita o convite sem pestanejar e ao permanecer alguns dias na cidade, começa a se transformar em um asno. Uma Marmota que acompanhou o processo de transformação do boneco em asno, o lembrou da orientação dada pelo Grilo Falante no início da história.

— Meu caro — replicou a Marmotinha para consolá-lo —, que está querendo fazer? Cumpriu-se o destino. Está escrito nos decretos da sabedoria que todos os meninos preguiçosos que, desprezando os livros, a escola e os professores, passam os dias em brincadeiras, jogos e diversões, vão acabar mais cedo ou mais tarde se transformando em verdadeiros asnos. (COLLODI, 2014)

A transformação em asno caracteriza um sentido de falta de conhecimento representado por um animal que se mostra bastante teimoso em algumas situações. Outro apontamento, se refere ao asno como animal de carga que possui força e tração. Uma criatura subjugada ao homem e valorizada apenas por sua capacidade física. Na época em que Collodi escreveu as aventuras de Pinóquio, o autor parecia perceber o quanto que a escolarização e o trabalho intelectual marcariam as novas atividades profissionais, pois, destaca a engenhosidade da mente. Atualmente, o jovem aprendiz tem oportunidade por meio da Lei da Aprendizagem de adquirir uma ocupação através do curso de capacitação profissional que é oferecido como parte de sua jornada de trabalho. Dessa maneira pode aumentar seu grau de empregabilidade, indicado pela contínua escolarização e interesse na formação institucionalizada, bem como, em sua capacidade de demonstrar as competências expressas no comportamento profissional.

Durante todo percurso do boneco em meio as suas aventuras, a Fada dedica proteção e o incentivo para que continue buscando seu objetivo de transformar-se em “menino de verdade”. Portanto, recebe sempre amparo, apoio e fortalecimento, em inúmeras vezes quando se encontra sozinho e sem rumo a seguir. O Grilo Falante também aparece aconselhando o boneco de madeira, ele possui uma relação de proximidade com a Fada. No entanto, as ações da marionete são contrárias ao esperado, sua falta de responsabilidade faz com que surjam adjetivos como “malandro sabido”, “moleque”, “indolente”, “vagabundo”, “filho desobediente” e “desgosto de seu pai”. Quando pensamos na formação do jovem aprendiz, a legislação, semelhante a Fada assegura e garante ao jovem condições de capacitação profissional sem ficar exposto a situações laborais precárias, insalubres e perigosas. O Grilo Falante, é um bom orientador, papel desempenhado pela instituição qualificadora que desenvolve a formação teórica e realiza a mediação do processo de socialização profissional imposto ao jovem. No entanto, durante essa mediação o comportamento desviante, isto é, aquele jovem que não segue regras e não se adapta ao mercado de trabalho pode ser reconhecido com os mesmos adjetivos atribuídos a marionete.

O jovem aprendiz recebe um carimbo de inadaptado ou com rendimento insuficiente para o desempenho e exercício do

ofício ao qual foi contratado. Quando o pedido de demissão parte da empresa, é necessário a elaboração de um laudo validado pela contratante e pela entidade qualificadora. Nele devem constar informações que justifiquem o desligamento, advertências formais, orientações individuais e as falhas cometidas pelo jovem. O laudo será anexado ao histórico em sua carteira de trabalho, permanecendo durante toda sua carreira profissional. Uma estratégia utilizada pelos jovens aprendizes, aconselhada pelas empresas e entidades qualificadoras, é solicitar o desligamento, pedido de demissão voluntária que não requer nenhuma justificativa por parte do contratado.

A TRANSFORMAÇÃO

As lições que pouco a pouco fazem com que Pinóquio reflita sobre suas atitudes acham seu ápice na parte final das suas aventuras. Primeiramente, ao ajudar um cachorro que se afogava recebe a promessa de que todo ato de bondade tem retribuição. Em seguida, quando o boneco está em apuros e precisa de ajuda, o cachorro salva sua vida. O princípio do trabalho em equipe ou colaborativo (SENNETT, 2012) é evidenciado para mostrar uma postura esperada por aqueles que vivem em um ambiente coletivo. O jovem aprendiz deve aprender esse valor que no contemporâneo é uma exigência preponderante para o desempenho das funções em uma organização empresarial.

Outro princípio aprendido pelo boneco de madeira antes de transformar-se em “menino de verdade” foi a necessidade de trabalhar para conquistar algo. Seu aprendizado acontece no vilarejo Terra das Abelhas. O nome já se mostra bastante sugestivo, remete a animais colaborativos e que dedicam toda sua vida ao trabalho e manutenção da colmeia, seguindo rígida divisão de tarefas. Pinóquio chega ao vilarejo com fome e sede, seu primeiro pensamento foi pedir ajuda esperando a bondade dos moradores em doar algo para comer e beber. No entanto, para sua surpresa todos lhe ofereciam trabalho em troca do que ele desejava. Orgulhoso relutou até o último momento de suas forças evitando ter que trocar trabalho por alimento. Antes de sucumbir à fome, aceita a proposta e percebe que pode ter o que deseja ao vender sua força de trabalho. O jovem aprendiz que no primeiro momento desejou trabalhar, mas durante suas atividades demonstrou certa

relutância no aprendizado em internalizar seu processo de socialização profissional, enfrenta dificuldades de relacionamento e não recebe as melhores oportunidades no ambiente laboral. Quando percebe que seu comportamento reflete em retribuições expressa em maior sociabilidade, confiança das pessoas e atribuição de responsabilidade, tende a adequar sua postura visando aproveitar as vantagens de ser “bom moço”.

Quando Pinóquio reencontra seu pai Geppetto, este já idoso e enfermo. O boneco, então, assume a responsabilidade de cuidar do pai e inicia sua última jornada dedicando-se diariamente a trabalhar em troca de alimento para o reestabelecimento da saúde de Geppetto. Torna-se racional em quantificar seu tempo de trabalho e a possibilidade de aumentar o ganho ao trabalhar mais horas por dia. Ao fazer isso com real intenção de ajudar seu pai, colocando seus interesses pessoais em segundo plano, isto é, após internalizar o processo civilizador e profissional, a transformação acontece.

Geppetto ao reconhecer o esforço do agora “menino de verdade”, diz ao jovem que quando os meninos maus se tornam bons têm a virtude de fazer com que um aspecto novo e sorridente se desenvolva também no interior das famílias. Esse pai aponta a conquista de um projeto familiar que tem no filho a possibilidade da mobilidade social. Para muitas famílias de jovens aprendizes os filhos são a geração com a primeira oportunidade de superar as barreiras socioeconômicas, fugindo assim de ofícios subalternos e mal remunerados. Além disso, não podemos esquecer que o êxito reconhecido por alguns familiares está no fato do jovem não se encontrar em situação de vulnerabilidade, delinquência ou criminalidade. Em alguns núcleos familiares esse fato já representa sucesso, indicando uma postura virtuosa do filho ou filha.

O momento final da história relata que o menino Pinóquio ao se olhar no espelho, não vê mais o reflexo de uma marionete. Exemplo interessante dessa transformação é a capacidade de internalização e reflexão sobre os valores de uma conduta civilizatória. Uma reflexividade necessária para que o sujeito reconheça o processo de transformação e continue a almejar a mudança. “Pinóquio voltou-se para vê-lo; e, depois de olhá-lo um pouco, disse dentro de si com uma enorme complacência: Como eu era ridículo quando era boneco! E como agora estou contente de ter me tornado um menino de bem!”. (COLLODI, 2014)

“MENINOS DE VERDADE”

O texto possui limitadores que envolvem o posicionamento frente a uma obra que se tornou popular ao nível mundial com inúmeras adaptações em animações, filmes e peças teatrais. Entretanto, os valores que ressalta são norteadores de uma nova sociedade que se transforma tanto quanto seus sujeitos e permanecem como centrais mesmo no século XXI. Tais valores fazem parte de uma racionalização flexível que passa a exaltar a subjetividade e a autonomia do indivíduo apelando para sua moral individualista baseada na realização individual (KOVACS, 2006).

O Pinóquio do novo século, o jovem aprendiz, precisa aprender os valores de uma sociedade que passou a valorizar o mérito pessoal como modelo de formação. As experiências familiares contribuem para uma socialização profissional menos traumática, pois, a socialização primária pode contribuir ou ser um empecilho para desenvolvimento da socialização secundária (BERGER e LUCKMANN, 2003). Caso, os valores exaltados pelo mercado de trabalho sejam compartilhados pelo grupo familiar durante seu processo de socialização primária mais fácil será a adaptação profissional. Entretanto, quando há uma carência esse processo de socialização profissional passa a ser concebido como aculturação em que a transformação do indivíduo se faz mais dolorosa para atingir o grau de maturidade que promova a mudança da passagem de marionete para o de “menino de verdade”.

A ética do trabalho deve ser aprendida e internalizada para que a transformação em “menino de verdade” aconteça. Transformar-se em um “menino de verdade” não é um processo simples, pois, se faz necessário sucumbir aos desejos da sociedade e de um processo civilizador profissional idealizado pelos adultos.

A experiência adquirida por meio dessas situações é necessária para que o Pinóquio compreenda o processo de construção da autonomia. Para tornar-se menino de verdade, precisa adquirir responsabilidades e espírito de equipe, preocupar-se com os outros, negar o ócio, organizar-se e adiar sua recompensa. Portanto, a gestão de si exige maior autonomia para acessar o mundo adulto, o que significa enquadrar-se no modelo de controle esperado pela sociedade empresarial. (DA CONCEIÇÃO, 2021, p. 183)

Os interesses pessoais são deixados de lado para exaltação de uma docilidade reconhecida como ideal no mercado de trabalho. Ser um “menino de bem”, isto é, ser obediente e com boa conduta nada mais é que a passagem ou transformação para o que foi entendido como sendo um “menino de verdade”. Este menino, real, adentra a vida produtiva em um sistema econômico, em nossa sociedade ocidental que se resume na condição de vida ativa. Essa no que lhe concerne, representada na sua capacidade de produção ou na capacidade de venda da sua força de trabalho a partir de um modelo de vida adulto.

Não podemos esquecer que o Pinóquio se torna menino de verdade quando adquire autonomia, capacidade de pensar por si próprio sem depender das ideias dos outros e quando internaliza o modelo social produtivo. Os jovens aprendizes são inseridos no ambiente laboral buscando sua autonomia, procuram tornar-se meninos de verdade, os sentidos podem variar, mas a formação pelo trabalho apenas proporciona a antecipação do processo de adultização.

Bibliografia

ANTUNES, R. L. C. **O caracol e sua concha:** ensaios sobre a nova morfologia do trabalho. SP: Boitempo, 2005.

BARBOSA, A. M. e S. O empreendedor de si mesmo e a flexibilização no mundo do trabalho. **Revista de Sociologia e Política**, 19, 38, Curitiba, 2011. p.121-140.

BENJAMIN, W. Livros infantis antigos e esquecidos. In: ____. **Magia e técnica, arte e política** – Ensaio sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas Volume I. SP: Editora Brasiliense, 1987.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade:** tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 2003.

BRASIL. **Lei Nº 10.097**, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L10097.htm. Acesso em: 01 de Mai. 2022.

COLLODI, C. **As aventuras de Pinóquio:** história de um boneco. SP: Cosac & Naify, 2014.

DA CONCEIÇÃO, D. M. A construção da empregabilidade por meio da formação de jovem aprendiz. **TRIVIUM:** Revista Eletrônica Multidisciplinar da Faculdade do Centro do Paraná. v. 7, n. 1, jan./jul. Pitanga: UCP, 2020. p. 8-37.

Disponível em:

<https://ucpparana.edu.br/content/uploads/2020/05/REVISTA-TRIVIUM-Volume-7-N%C3%BAmero-1-2020.pdf>. Acesso em: 01 de Mai. 2022.

DA CONCEIÇÃO, D. M. **Estudante-trabalhador e a socialização profissional:** Contradições da Lei do Jovem Aprendiz na região da Grande Florianópolis/SC. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/231151>. Acesso em: 01 de Mai. 2022.

DUBAR, C. **A socialização:** construção das identidades e profissionais. SP: Martins Fontes, 2005.

DUBAR, C. **A crise das identidades:** a interpretação de uma mutação. SP: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

Pinóquio do novo século

ELIAS, N. **O processo civilizador** – Uma história dos costumes. RJ: Jorge Zahar, 1994.

FRANZOI, N. L. **Entre a formação e o trabalho:** trajetórias e identidades profissionais. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

LEÃO, A. B. **Norbert Elias e a educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

KÓVACS, I. Novas Formas de Organização do Trabalho e Autonomia no Trabalho. In: ____. **Sociologia, Problemas e Práticas**, n. 52, 2006. p. 41–65.

MORIN, E. **A via para o futuro da humanidade.** RJ: Bertrand Brasil, 2013.

OLIVEIRA, O. de. **Trabalho e profissionalização de adolescente.** SP: LTr, 2009.

PAIS, J. M. **Ganchos, Tachos e Biscates:** jovens, trabalho e futuro. Berlin: GD Publishing / Edições Machado, 2016.

SENNETT, R. **A corrosão do caráter:** as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. RJ: Record: 2012.

SIMMEL, G. O dinheiro na cultura moderna. In: ____. SOUZA, Jessé; OELZE, Berthold. **Simmel e a modernidade.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2014.

SORJ, B. **Sociologia e trabalho:** mutações, encontros e desencontros. RBCS. Vol. 15 nº 43 junho/2000.